CARUSPINUS

EXALTANDO NOSSAS GENTES

BIMESTRAL · Nº 32 · ANO VI · SÉRIE II · MAIO DE 2017 · PREÇO: 1.5 € · TIRAGEM: 290 Ex. · ISSN: 2182-5130

FUNDADOR: ANTÓNIO FRANCISCO CASEIRO MARQUES · DIRETOR: ÁLVARO JOSÉ CASEIRO DE ALMEIDA
Diretor-Adjunto: José Gabriel Marques Pires · Subdiretora: Cidália Maria Coelho Batista

FIGURAS DA NOSSA TERRA

CARLOS DOS SANTOS TENREIRO

Um Homem Alegre

SÃO PEDRO DE VERONA

Carapito em Festa

ENTREVISTA

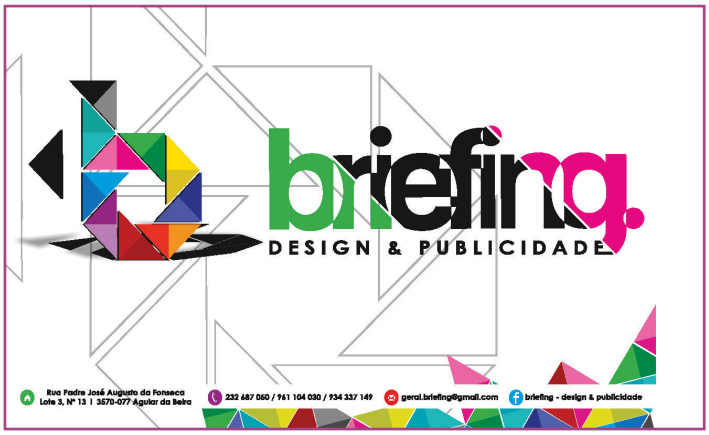
JOSÉ FRANCISCO ALMEIDA

Retrato de uma missão no Kosovo

CLUBE REALIZOU III BTT

CASAS DO CONCELHO E DAS BEIRAS EM LISBOA COMEMORAM ANIVERSÁRIOS

PUB



EDITORIAL:

Em 15 de abril passado, o Caruspinus comemorou mais um aniversário. São já 38 anos de existência, em que as histórias e as gentes de Carapito têm vindo a ser retratadas, transmitidas e, acima de tudo, guardadas para que os vindouros saibam como temos vivido e como somos como povo.

Não sendo uma das datas mais significativas, pois o 40.º e o 50.º aniversários sê-lo-ão certamente mais assinaláveis, dizem-nos que este projeto que começou ainda na década de setenta continua com a mesma força, a mesma vitalidade e a mesma vontade de fazer marcar Carapito pela diferença. Nada disto seria possível, sem qualquer dúvida, sem o interesse contínuo e empenhado dos leitores e assinantes, dos colaboradores e de todos os amigos deste jornal que, a cada dois meses, leva o nosso Carapito a casa de cada um.

Também a Casa do Concelho de Aguiar da Beira e a Casa das Beiras, em Lisboa, comemoraram recentemente mais um ani-versário, o 33.º e o 102.º, respetivamente. Quer numa, quer na outra, vê-se todo o interesse dos seus dirigentes e amigos em dar seguimento a estes projetos, que, mesmo com cada vez menos interessados, continuam a levar em frente os seus ideais. Também a comunicação social nacional tem ajudado e esperamos que o continue a fazer.

Nesta edição voltamos a uma rubrica muito bem conhecida de todos, as Figuras da Nossa Terra. Carlos Tenreiro, hoje a caminho dos noventa anos, tem vivido uma vida humilde, alegre e de amizade com todos. Uma figura que se distinguiu à sua maneira e continua a distinguir ainda hoje, sempre com um cumprimento para todos por quem passa. Uma Figura da Nossa Terra, que faz questão de ser lembrada a par da sua concertina, que tanto espelha a sua vida alegre, a vida de um homem alegre.

Num outro campo damos destaque à última missão de Portugal no Kosovo, após dezoito anos de presença contínua naquele país dos Balcãs. O retrato é feito por José Francisco Almeida, que passou os últimos meses num país que ainda não encontrou totalmente o seu rumo, onde a maioria das pessoas se queixa por não ter nada para fazer e tem como último recurso a emigração forçada.

Por fim, também as festas e as tradições, as de ontem e as de hoje, continuam a passar pelas páginas do nosso jornal, pois são elas que marcam o dia a dia de uma aldeia que está em constante movimento. Essa aldeia é Carapito.

O Diretor

Colaboraram nesta edição:

Álvaro Caseiro de Almeida; Cidália Batista; José Gabriel Pires; José Lopes Baltazar; Leontina Caseiro, Luciana Silva e Tó-Zé Paixão. Vários, com fotografias.

(Os colaboradores deverão enviar os seus artigos para: caruspinus@gmail.com)

WEB: www.caruspinus.pt; http://www.facebook.com/caruspinus

As Notícias

NASCIMENTOS

Nasceu em Aguiar da Beira, no passado dia 3 de dezembro, uma menina com o nome **Maria**, filha de Filipe Ferreira e Antonieta Fialho.

Nasceu na Urgueira, a 10 de janeiro, um menino com o nome **Duarte**. É filho de Marta Marques e André Santos.

Nasceu em Carapito, no passado dia 18 de março, uma menina com o nome **Nadine**, filha de Carina Gonçalves e Hélder Silva.

No dia 27 de março nasceu também em Carapito um menino com o nome **Lucas**, filho de Edite Batista e Luís Varandas.

Nasceu em França, no dia 8 de maio, um menino com o nome **Luís**, filho de Manuel Caseiro e Aurélie Gourdin.

Felicidades para os novos Carapitenses e parabéns para os seus pais.

DOENTES/ACIDENTADOS

A Sr.ª **Madalena Caseiro** teve que ser transportada ao hospital para receber tratamento, após uma queda em que partiu uma perna. Encontra-se em recuperação.

A Sr.ª **Maria Silvina Lima** partiu duas costelas, tendo recebido tratamento no Hospital de Abrantes. Encontra-se em recuperação.

A Sr.ª **Prazeres Lopes Baltazar** caiu e teve que receber tratamento em Viseu.

A Sr.ª **Maria do Carmo Nunes** magoou-se num braço, tendo que receber tratamento no Centro de Saúde.

O **Paulo Domingos** foi operado a um pé, devido a um acidente de trator. Encontra-se em recuperação.

O Sr. **José Manuel Tenreiro** foi operado à clavícula. Encontra-se em recuperação.

A Sr.ª **Ana Maria Santos** teve que receber tratamento depois de ter torcido um pé.

O Sr. **José Augusto Marques** esteve internado no Hospital de Viseu devido a um problema cardíaco. Já se encontra em casa em recuperação.

A **Mariana Tenreiro** teve que ser suturada com três pontos no queixo devido a uma queda.

O Sr. **António Coelho** esteve internado no Hospital de Viseu, encontrando-se já em casa em recuperação.

O Caruspinus deixa votos de rápidas melhoras a todos os que ainda se encontram doentes ou em recuperação.

CASAMENTOS

Celebraram matrimónio, na Igreja Paroquial de Carapito, no passado dia 22 de abril, **Leonor Batista** e **João Vintém**.

O Caruspinus deixa votos de felicidades para o novo casal.

FALECIMENTOS

Faleceu no passado dia 21 de março, em Carapito, a Sr.ª **Fernanda Tenreiro**, aos 94 anos.

O Caruspinus deixa sentidas condolências à família enlutada.

Cidália Batista

FICHA TÉCNICA:. Proprietário e Editor: Clube Cultural e Recreativo de Carapito · Sede: Rua do Calvário, Nº 10, 3570-100 Carapito · Fundador: António Francisco Caseiro Marques · Diretor: Álvaro José Caseiro de Almeida · Diretor-Adjunto: José Gabriel Marques Pires · Subdiretora: Cidália Maria Coelho Batista · Depósito Legal nº 156502/00 · ISSN: 2182-5130 · Registo ERC nº 126 122 · N.I.F. 500 932 484 · Tiragem: 290 exemplares · Assinatura Anual: Carapito - 7.5 €; Resto de Portugal - 10€; Resto da Europa - 15€; Fora da Europa - 20 € · Impressão: Briefing, Design & Publicidade, Rua Padre José Augusto da Fonseca, Lote 13, N.º 13, 3570-077 Aguiar da Beira - Tel: 232 687 050. O estatuto editorial está publicado em www.caruspinus.pt.

HOMENAGEM A ZECA AFONSO

Passaram-se 48 anos,
a lutar pela igualdade.
Certo dia um Português,
veio cantar liberdade.

Em abril dia 25 de 74,
a meia-noite soou.
Portugal ficou livre,
pois Zeca Afonso cantou.

Zeca Afonso cantou,
Grândola vila morena.
Teve grande inspiração,
numa terra tão pequena.

Ele pôs nessa canção,
muito amor e lealdade.
Sem saber que ela seria,
o símbolo da liberdade.

Nesse tempo esse doutor,
vivia numa vida atroz.
Só a força do destino,
fez calar a sua voz.

Eu presto minha homenagem,
a um poeta esquecido.
É pena só ser lembrado,
depois de já ter morrido.

Depois de alguém ter morrido,
nada vale a recompensa.
Reconheçam-lhe o valor,
ainda em sua presença.

DIA DO TRABALHADOR

O dia primeiro de maio,
e dia do trabalhador.
Foi uma vitória bem ganha,
a custo de muito suor.

Há muitos anos atrás,
tantos levantaram a voz.
E muitos perderam a vida,
para bem de todos nós.

Vamos todos dar as mãos,
e festejar esse dia.
A união faz a força e traz,
paz, amor e alegria.

A Primavera acompanha,
a nossa grande missão.
É mês do trabalhador,
e também do coração.

Às vezes fico pensando,
qual seria o valor.
Escolheram o primeiro de maio,
pra dia do trabalhador.

Este dia tão famoso,
até mesmo no estrangeiro.
Mostra a força do trabalho,
que alimenta o mundo inteiro.

Vai um ano volta o outro,
só não volta a mocidade.
Vamos festejar,
este dia de amizade.

O pobre trabalhador,
não tem dia nem semana.
E muitas vezes trabalham,
em condições desumanas.

Leontina Caseiro

A TRADIÇÃO DOS RAMOS

A celebração do Dia de Ramos, no início da Semana Santa, é uma das festas em que os costumes religiosos se têm mantido ao longo dos anos.

Em Carapito, como é habitual, a celebração iniciou-se no Largo do Terreiro, junto ao cruzeiro, seguindo-se depois uma procissão até à Igreja, em que cada um levava também consigo um ramo de oliveira, de alecrim ou de loureiro. Já na Igreja, completou-se a celebração.

Os ramos dos mais pequenos, principalmente, mas não só, continuam ainda a ser enfeitados com amêndoas, rebuçados ou outras guloseimas.

CASA DAS BEIRAS COMEMOROU 102.º ANIVERSÁRIO

A Casa das Beiras em Lisboa, presidida por Bernardino Fonseca, comemorou no passado dia 1 de maio o 102.º aniversário da sua fundação.

Na manhã do dia 6, sábado, a *RDP Internacional* associou-se à comemoração, através do programa Clube da Amizade, que decorreu ao longo de quatro horas. Nessa manhã dedicada ao regionalismo, às tradições e à cultura beirã, o radialista Jaime Ferreira de Carvalho conversou com vários representantes da Casa das Beiras, de muitas associações e grupos a ela associados e também com o jornal *Caruspinus*, tendo havido ainda espaço para muita música.

O presidente da Casa das Beiras manifestou o seu contentamento pela divulgação e promoção, esperando que mais pessoas partilhem o espaço, participem nas atividades e se revejam numa casa que é de todos os beirões.

Bernardino Fonseca e Jaime Carvalho.

Pagaram Assinatura: Jorge Caseiro Figueiredo (7.5€); Maria Luísa Sousa (7.5€ + 2.5€ oferta); Ana Maria dos Santos (7.5€); António José Correia (7.5€ + 2.5€ oferta); Maria das Dores Nunes (7.5€ + 2.5€ oferta); José Joaquim Matos Sousa (10€ + 5€ oferta); Maria Silvina Lima (10€ + 2€ oferta); Briefing, Design & Publicidade (40€ - patrocínio); José Augusto Matos Batista (10€); Virgílio da Cruz Caseiro (10€ + 10€ oferta); Agostinha do Nascimento Almeida Dias (10€); Manuel Carlos do Nascimento Almeida (10€); Joaquim Caseiro Garcia (25€ - patrocínio); Fernando dos Santos Garcia (10€); Margarida Caseiro Figueiredo Pires (15€); Maria de la Salete Seara Paixão (40€ - 4 anos); António de Jesus Almeida (10€); José Manuel dos Reis Caseiro (20€ - 2 anos); Ana Fonseca (15€ + 5€ oferta); Moisés Gandarinho Lopes (10€); Ana Maria Custódio Santos Gomes (10€); Mercês da Cruz Caseiro (10€); Manuel Carvalho Sobral Campos (20€ - 2 anos); Manuel António Jacinto (10€), Erménio Jesus dos Santos (30€ - 2 anos) e Maria do Carmo Guerra (15€).
(*Caso tenha pago a sua assinatura nos últimos 2 meses e não conste desta lista, é favor avisar, pois foi apenas um lapso.*)

CASA DO CONCELHO DE AGUIAR DA BEIRA COMEMOROU 33.º ANIVERSÁRIO

A Casa do Concelho de Aguiar da Beira (CCAB) em Lisboa comemorou, no dia 8 do passado mês de abril, o 33.º aniversário da sua fundação. Este ano, a comemoração realizou-se no concelho de Aguiar da Beira, para onde se deslocaram vários dos seus dirigentes, sócios e amigos, num fim de semana cheio de atividades.

Na chegada a Aguiar da Beira, a comitiva vinda de Lisboa foi recebida nos Paços do Concelho pelo presidente da Câmara Municipal, estando também presentes os presidentes da Junta de Freguesia de Aguiar da Beira e da Câmara Municipal de Trancoso.

Na sessão solene, a Casa do Concelho atribuiu o diploma de Sócio Honorário à Câmara Municipal de Aguiar da Beira, sendo todos os presentes depois brindados com uma oferta do Município e tendo ainda assistido ao vídeo promocional do concelho. O presidente da Câmara Municipal, Joaquim Bonifácio, destacou o papel de embaixadores que têm os vários Aguiarenses residentes em Lisboa e arredores, e em especial a casa concelhia, esperando que continuem a promover o concelho de Aguiar da Beira na capital.

Após a receção seguiu-se o almoço no Restaurante 'Cabicanca', onde os produtos locais satisfizeram os gostos de todos os presentes. No fim do almoço foram cantados os parabéns à Casa do Concelho e ainda atribuídos o diploma de Sócio Honorário ao jornal Mais Aguiar da Beira e uma distinção aos senhores Manuel Nunes Sousa e Maria Ferreira Sousa, pelo trabalho desenvolvido em prol da Casa do Concelho.

A iniciativa que se seguiu teve lugar no cemitério de Aguiar da Beira, com uma homenagem a dois dirigentes da Casa do Concelho já falecidos.

Após a homenagem, a comitiva dirigiu-se à Cortiçada, onde foram recebidos com um lanche em casa do senhor Sousa, para logo depois se dirigirem ao Restaurante 'Caldeirinha', em Aguiar da Beira, para o jantar com que terminaram o dia.

No domingo, Dia do Combatente, a Casa do Concelho homenageou, em Aguiar da Beira, todos os antigos combatentes, em especial aqueles que faleceram em combate. Para além da cerimónia solene, foi ainda depositado um ramo de flores junto ao monumento.

Durante a manhã houve ainda tempo para uma visita ao Santuário de Nossa Senhora dos Caminhos, nas Rãs, e outra às Caldas da Cavaca.

O almoço viria depois a realizar-se no Restaurante 'Terreiro de Santa Cruz', em Carapito, onde, mais uma vez, a comida regional marcou presença. Durante a tarde houve ainda tempo para uma visita por Carapito, terminando com um lanche, também no 'Terreiro de Santa Cruz', antes do regresso à capital.

Bernardino Fonseca
Presidente da Direção

Foi um dos fundadores da Casa do Concelho, à qual esteve ligado durante 25 anos. Depois de uma pausa, voltou novamente à presidência da direção.

Que avaliação é que faz do funcionamento das casas regionais em Lisboa?

Como é sabido, o associativismo em geral não passa por um bom momento. Ainda assim, muitos, como nós, ainda dedicam o seu tempo ao regionalismo e fazem com que este não desapareça. A Casa do Concelho de Aguiar da Beira, como sócia da Associação de Casas Regionais em Lisboa, tem vindo a participar nos vários eventos que esta organiza e irá fazê-lo também este ano. As várias casas regionais que existem em Lisboa defendem cada uma os seus valores e fazem-no o melhor que podem, ainda que com pouca gente.

E a Casa do Concelho de Aguiar da Beira?

Podemos dizer que está de boa saúde, conta com pessoas importantes, interessadas e que querem dar continuidade a este projeto. Também é um facto que precisamos de juventude e de pessoas que possam dar continuidade à Casa do Concelho, e por isso temos também feito essa aposta, com vários elementos nos corpos gerentes. Fico também contente pela divulgação e o apelo que os nossos jornais fazem aos filhos do concelho residentes em Lisboa. Temos uma excelente biblioteca na Casa das Beiras, por onde passaram distintas figuras e que todos podem visitar em qualquer dia.

E que comentário faz à comemoração no concelho de Aguiar da Beira?

Penso que foi uma ótima iniciativa. Fomos muito bem recebidos, quer na Câmara Municipal, quer em todos os locais que visitámos. Deixo um agradecimento especial aos senhores presidentes Joaquim Bonifácio, Virgílio Cunha, Amílcar Salvador e Joaquim Gonçalves, dizendo que tudo faremos para continuar a fazer o nosso papel de embaixadores do concelho em Lisboa.

Manuel Carlos Almeida
Tesoureiro da Direção

Foi presidente da Casa do Concelho no anterior mandato, mantendo também com esta uma ligação muito estreita. Que avaliação faz desta comemoração no concelho?

Fomos muito bem recebidos em Aguiar da Beira e quisemos aproveitar a oportunidade para fazer a ponte entre os de lá e os de cá, para não fazermos a comemoração sempre no mesmo local. Foram dois dias muito bem passados no concelho de Aguiar da Beira, onde tivemos um programa muito preenchido.

Há alguma coisa que gostaria de ter visto de forma diferente?

Penso que a ideia geral foi a de que gostaríamos de ter visto as Caldas da Cavaca com outro aspeto. Em relação há 30 anos, quando as tinha visitado pela última vez, não notámos grandes diferenças.

Manuel Nunes de Sousa
Presidente da Mesa da Assembleia

É um dos sócios fundadores da Casa do Concelho, à qual está ligado desde

que esta era ainda uma ideia. O que é que nos pode dizer acerca destes 33 anos de existência da Casa do Concelho?

Apesar de a fundação da Casa do Concelho ter sido em 1984, eu, o Bernardino e outros começámos a trabalhar na ideia cerca de um ano antes. Tivemos muito trabalho e gastámos muito dinheiro para tratar de tudo o que era necessário. Mas a 8 de abril estava tudo pronto e foi quando fizemos a escritura. Podemos até dizer que é uma questão de carolice, porque para se conseguir avançar com ideias como esta é preciso muita dedicação.

Lembro-me por exemplo do ano de 1988, durante a realização dos jogos tradicionais em Lisboa e nos quais a Casa do Concelho participou, que muita gente não conhecia nem sequer sabia que existia o concelho de Aguiar da Beira. A partir da nossa participação e da presença que tivemos na rádio, passou a ser diferente. Chegámos a ter 2 equipas a participar.

Hoje em dia já não há muita gente interessada em começar ou dar seguimento a ideias como esta e isso vê-se em quase todas as associações do mesmo tipo. No entanto, enquanto nós pudermos, vamos fazendo o melhor que conseguimos.

E o que é que achou da comemoração deste ano?

Penso que foi positiva. Apesar de não haver uma divulgação destas iniciativas a nível nacional, ao nível do concelho ela existe e estamos contentes porque fomos muito bem recebidos.

Esq: Em Aguiar da Beira, junto ao Monumento ao Combatente. Dir: Durante o almoço, no 'Terreiro de Santa Cruz'.

A PÁSCOA E A VISITA PASCAL

A Páscoa, como festa maior para os cristãos, continua a ser celebrada em todo o mundo, mantendo todas as celebrações do chamado Tríduo Pascal. Se a Páscoa Judaica celebra o êxodo deste povo do Egito, por volta de 1250 a.C., a Páscoa cristã celebra a ressurreição de Jesus Cristo. Entre os cristãos, a semana anterior à Páscoa é considerada a Semana Santa, tendo início no Domingo de Ramos, e marca a entrada de Jesus na cidade de Jerusalém.

A Visita Pascal, ou Compasso, tem também ela uma origem relacionada com o êxodo do Egito, em que o Anjo Exterminador poupou as casas dos hebreus assinaladas com o sangue do cordeiro pascal. Assim, a origem do Compasso está relacionada com a bênção das casas, em dia de Sábado Santo.

Da bênção das casas, passou-se depois ao beijar da cruz de Cristo, em plena Idade Média Portuguesa, com o pároco, ou quem ele delegasse, a percorrer a aldeia, benzendo as casas e recebendo ovos dos fiéis.

Ainda não há muitas décadas, as oferendas eram recolhidas em cestas e distribuíam-se entre o pão, o queijo e outros alimentos. Já na era mais moderna, estas foram substituídas por um envelope com dinheiro, facilitando o trabalho dos elementos que fazem a Visita Pascal.

A Visita Pascal, como tradição exclusivamente portuguesa, mantém-se hoje em dia, principalmente no norte de Portugal. Ainda assim, nem todas as aldeias, vilas e cidades de Portugal recebem a Visita Pascal, havendo até aquelas que deixaram de a receber por falta de voluntários para a levarem a cabo.

Em Carapito, felizmente, a Visita Pascal continua a realizar-se, tornando a Páscoa num dia singular, de encontros, reencontros e de grandes correrias. Apesar de o número de casas visitadas também ter vindo a diminuir, são ainda cerca de 150 as habitações visitadas. A tradição permite ainda que toda a aldeia se junte em torno de uma comemoração comum, num dia onde a alegria e o convívio são o principal e o mais importante.

A comitiva.

LEMBRANÇAS XVII

Momentos Instantâneos

Tudo alvoroçado, um rali de carros de corrida em Aguiar da Beira. E eu, bem parado a olhar à minha volta no Largo dos Monumentos Históricos, a atestarem um valor incalculável desta Sede de Concelho.

Lembrando de entre muitas outras coisas, a Escola de Aguiar onde eu e muitos outros Carapitenses realizaram o exame da 4.ª classe, com sacrifícios sem conta. Sempre preparados para responder de cor-e-salteado e bem na ponta da língua a todas as perguntas, todos disputando o tão desejado e polémico "Aprovado com Distinção". Penso e repenso no Carapito de Aguiar da Beira e numa amizade que causa admiração.

E é com o máximo respeito que sempre mereceu, que aqui relembro o já falecido Carapitense – Senhor Padre José Augusto da Fonseca, pároco em Aguiar da Beira durante quase 50 anos.

Dotado de um espírito humanista e de uma humildade exemplar, tudo bem refletido nas suas palavras e obras, por exemplo: Fundador do Jornal Defesa da Aldeia, Projetos – Autoconstrução, Escola/Colégio, Lar da Terceira Idade, Auto-Florestação, Santuário de Nossa Senhora da Estrada, etc., etc., etc.

Neste momento, presto a minha homenagem à memória desta figura de tão ilustre Carapitense, que enche de orgulho, não só os Carapitenses, mas também os Aguiarenses.

***

Aqui estou junto ao Talefe na Serra do Pisco, construído em 1955. E agora acompanhado das belas torres eólicas.

Perante uma vista deslumbrante, olho livremente para todas as direções, com o Carapito presente e tranquilo. Obrigado, oh Mãe Natureza, por esta grandiosidade, uma bênção tão grande e tão maravilhosa.

Mas a grandeza das grandezas, está mais ao longe – a sul, vendo a célebre e altiva Serra da Estrela, lembrando o frio e a neve no Inverno, o calor e o sol no céu azul no Verão.

***

Estou no nosso Calvário, na Festa do Clube/Emigrante, onde todos se juntam, manifestando grande entusiasmo e alegria. Tanto no campo desportivo como sócio-cultural. Mas é à noite o ponto alto de maior convívio, que faz relembrar e comparar muitas coisas.

Oh Calvário de outros tempos!? O que tu eras e o que tu és hoje? A carvalha, o cruzeiro, as feiras de gado, etc., etc., etc. Até custa a acreditar no que vemos. O Clube que nasceu em 1978, mas só teve aqui a sua casa em 1983. Mas foi sempre crescendo com muitos esforços e boas vontades. E muitas outras iniciativas aqui se concretizaram, uma realidade que de facto é de louvar.

Quem diria…, vermos: campo desportivo, parque de diversões de crianças, torneios, jogos, corridas, comes e bebes, conjunto musical com músicos e cantores, que para além do mais recorrem à imitação de - Quim Barreiros, até ao kuduro, para atraírem todos os "Regalões" e não só.

De realçar aqui a modesta banquinha dos "Foralitos", oferecendo o conto duma historiazinha a troco de moedinhas de boa vontade.

A evolução dos tempos e das pessoas acaba com todas as dúvidas, de que na verdade estamos todos de parabéns.

***

Meia noite, um silêncio encantador na nossa Praça, que esconde muita coisa, mas não esconde tudo, não senhor. E os sinos da Igreja, num compasso das badaladas, teimam em dizer a todos que o tempo anda-que-anda, porque é ele que comanda a vida. Não se ouvem os sons dos grilos no Verão, mas sim uns ruídos no ar, mostrando a alegria de viver das minhas três netas. Correndo às voltas para trás e para a frente, pela primeiras vez nesta Praça.

Que nos dizem os tempos que já lá vão?... A Praça de muitas histórias e tradições. Sempre abraçando saídas/entradas, a Praça de todos e de tudo… A luz elétrica agora contrariando a lua e as estrelas, Igreja, adro, cemitério, cerimónias religiosas, procissões, rebanhos correndo à volta da Igreja, escolas, chafariz, velhas árvores renovando-se, pelourinho, lumieiras, festas, jogos, cepo de Natal, queima do judas, carros de bois, entrudos, bailes, leilões, rotina da carreira Aguiar /Fornos, forno, teatros no pátio do já falecido Sr. Afonsinho, os bons amigos dos copitos na venda do também já falecido Sr. António Silva e seus seguidores, onde estava o posto público – correio – telefone, realejos, concertinas, cantadores de "fado" corrido/desafio, etc., etc., etc.

A Praça de obrigações, com as suas saudações, onde todos são: amigos(as), pais e mães, filhos(as), tios(as), sobrinhos(as), netos(as), padrinhos e madrinhas, afilhados(as), primos(as), senhores(as), e algumas alcunhas pelo meio e ainda os ti' e as ti', os 'inhos e as 'inhas, etc., etc., etc.

A Praça da grande família Carapitense, amiga, trabalhadora, alegre, sempre cheia de esperança e de respeito mútuo acima de tudo. Já naquele tempo se dizia à boca cheia "esta geração é muito melhor do que a de outros tempos."

Nem melhor nem pior, somos o que somos, na vivência dos tempos, onde cada um é diferente. E afinal é o equilíbrio dessa diferença que faz o orgulho de todos.

Mas o mais interessante acontece com o moderno monumento alusivo aos 500 anos de Foral de Carapito. Uma das minhas netas, com sete anos, diz sempre que quando for grande quer ser tudo na vida, porque todas as profissões são boas. Porém, vejamos o diálogo desta tagarela atrevida.

- Avô, quero tocar com a mão no pelourinho pequenino que está aqui nesta pedra, para ver se ele é tão rijo como o avô. E eu respondo-lhe: esta pedra é mais rija do que todos os avôs e avós de Carapito.

Responde-me ela: - Mas então e se nos juntarmos todos os mais novos aos mais velhos – desdentados, carecas, corcundas, os que têm bengalas e também as velhas de cabelos brancos e ainda as que usam muletas, nem assim?

- Olha bem para ti, tão nova e já te caíram os dentes. Que rigidez é essa?

Responde-me ela: - Mas então o avô ainda não sabe que vou ter mais irmãs/irmãos e estou a crescer… e depois virão outros dentes muito mais rijos do que estes?

Oh! Lá la lará! Afinal agora os mais novos é que ensinam como a vida é aos mais velhos?

Calei-me bem caladinho a pensar e repensar nos mundos que nos rodeiam – o da realidade e o da fantasia.

Uma saudação a todos os leitores(as). E ao mesmo tempo deixando um apelo – o Caruspinus precisa de mais assinantes-leitores. Sejam Bem-Vindos. ***José Lopes Baltazar***

BISPO DE VISEU CRISMOU 107 JOVENS EM CORUCHE

O Bispo de Viseu, D. Ilídio Leandro, foi recebido em Coruche no passado dia 6 de maio, onde crismou 107 jovens de todo o concelho, Queiriz e Casal do Monte. Os jovens crismados pertencem às paróquias dos senhores padres Silvério Cardoso, Jorge Gomes e Paulo Gouveia. De Carapito, foram 17 os crismados.

A festa foi também muito elogiada não só pela organização, mas também pela preparação dos jovens que foram crismados.

Tendo recebido este sacramento, os jovens terminaram mais uma etapa nas suas vidas, estando agora certamente mais preparados para viverem a sua fé mais intensamente.

PROCISSÃO DE VELAS EM CARAPITO A 13 DE MAIO

Os dias 12 e 13 de maio foram vividos com grande intensidade em Portugal, principalmente em Fátima, que recebeu este ano a visita do Papa Francisco, a propósito das comemorações dos 100 anos das aparições em Fátima. Ao mesmo tempo, o Papa canonizou também os pastorinhos Francisco e Jacinta Marto, que são agora São Francisco Marto e Santa Jacinta Marto.

Estima-se que tenham passado por Fátima cerca de um milhão de peregrinos nos dois dias, incluindo vários Carapitenses.

Em todos os momentos, foi visível a admiração de todos pelo Papa, pela sua simpatia e proximidade às pessoas, o que tornou a visita certamente inesquecível para todos os que o puderem ver de perto e partilhar o mesmo espaço que ele.

Em Carapito, no dia 13 de maio, à noite, realizou-se também uma procissão de velas, que percorreu a Carreira de Baixo, Terreiro e Carreira de Cima, assinalando também a data com excecional significado para todos os cristãos.

FIGURAS DA NOSSA TERRA

Carlos dos Santos Tenreiro

Um Homem Alegre

Carlos dos Santos Tenreiro nasceu em Carapito, em 31 de dezembro de 1928, numa casa, na Carreira de Baixo. Aos seis anos foi para a escola, tendo completado a quarta classe, com dez anos, em Aguiar da Beira, onde fez o exame final, tal como um grande número de Carapitenses.

Após a conclusão da quarta classe, viveu com os pais na Sernada, onde o seu trabalho principal foi a guardar ovelhas. "*Tínhamos cem ovelhas, uma junta de bois, porcos e lá andávamos. Depois a minha mãe morreu, ficámos seis homens numa casa, sem mulher nenhuma, foi um bocado difícil. A minha irmã já estava casada, depois eramos cinco irmãos e o meu pai. Então diz-nos o meu pai: - 'Então agora como é que vamos fazer?' Lá falámos com uma senhora do Casal que nos lavava a roupa e nos cozia o pão e depois tudo acabou por correr bem.*"

Por ali andou até que fez dezasseis anos. Nessa altura já o acompanhava uma harmónica com que dava música à Serra do Pisco e "*fazia dançar as ovelhas.*" Foi para Lisboa, onde trabalhou para uma empresa alemã, na entrega e recolha de encomendas. "*Andei muito naqueles elétricos de Lisboa. E a pé então nem se fala.*" Por lá ficou até aos vinte anos, quando foi para a tropa, para Viseu, onde esteve durante três anos. "*Já estava para me vir embora, no último ano, fui chamado para ir para os Açores. Lá entrámos no comboio, chegámos a Santa Margarida e voltámos para trás. Não sei o que se passou. Chegámos a Viseu outra vez, deram-nos oito dias de folga para irmos para a terra. Ao fim dos oito dias, fomos outra vez intimados para ir para os Açores. Estávamos para arrancar, deram-nos parte (ordem) para não irmos. E pronto, já não fomos.*"

"*Vim da tropa, casei-me. Tivemos seis filhos, mas naquela altura era ruim para os criarmos. Criavam-se com muitas dificuldades. Então pensei cá para mim – O que é que eu vou fazer? Vou-me embora para a França. Já estava tudo tratado para ir para a França, o passador chegou aqui e disse-me que afinal não me podia levar. Tinha que ficar cá mais oito dias. Ó fim e ó cabo já não quis ir para a França, fiquei cá. Comprei umas ovelhas e umas vaquitas, e foi assim a minha vida.*"

- E a vida, correu-lhe bem? – pergunto. "*Correu-me bem, graças a Deus. A minha vida foi sempre em volta das ovelhas, das vacas e das terras. Foi uma vida na agricultura. Os seis filhos já estão todos arrumados. Netos, já conto catorze. Bisnetos, já são doze. A mais velha já tem dezoito anos.*"

- E a guerra, afetou-lhe a vida? "*Ui… a vida era muito difícil nessa altura. Era ruim. Muitas vezes lá íamos a Aguiar da Beira, onde nos ofereciam açúcar, arroz… quem precisava lá ia. Mas quase todos precisavam.*"

- E o Salazar? "*Com o Salazar, andávamos na tropa e tínhamos parte para quem dissesse mal dele os prendermos. Eu era primeiro cabo e, juntamente com outros colegas meus, fazíamos a ronda na cidade, em Viseu. Ainda lá prendemos dois ou três que estavam a dizer mal dele. Levá-vamo-los à GNR e depois eles lá lhes davam o castigo que mereciam, consoante o que tivessem dito. Não era que nós quiséssemos, mas era o que nos mandavam fazer. Era um regime muito duro.*"

- E o 25 de abril, notou-se aqui em Carapito? "*Notar, notou-se, mas não foi logo imediatamente. A vida já era difícil e continuou a ser. Mas passado algum tempo, claro, começou a melhorar.*"

- E Carapito, tem melhorado muito? "*Quando eu era pequeno não havia cá uma bicicleta, uma mota, um trator, um motor para se tirar água, luz, água canalizada… não havia cá nada. Nos anos sessenta apareceram um trator, do Sr. João Nunes e uma mota BSA, do Sr. Joaquim Tenreiro. Apareceram depois os motores de rega. Se olharmos ao que temos cá hoje, facilmente vemos o quanto melhorámos. Quando chegou a água, fizemos uma festa, quando foi a luz, outra festa. Como quem trouxe isso foi o meu padrinho, convidava-me sempre e eu lá ia. Só aí foram melhorias muito grandes. Até então, água ia-se buscar às fontes, luz era com uma vela ou com um candeeiro a petróleo. E a luz primeiro foi nas ruas, em 1959, nas casas só os mais ricos é que a tinham. Eu como me dava muito bem com o senhor presidente da Câmara, o Sr. Dr. Sá e Melo, uma vez falei com ele e disse-lhe:*

- Ó senhor doutor, na minha rua há tanto escuro, à noite nem posso ir ordenhar as vacas nem as ovelhas, se me pudesse lá dar um jeitinho, púnhamos a luz à minha porta. Responde-me ele:

- 'Eu pô-la lá, ponho, mas olhe que é muito cara, custa oitenta contos.'

- Ó senhor doutor, mas é que eu não tenho dinheiro para pagar isso e para mais não é para mim, é para o povo.

- 'Está bem, mas é mais vantagem para o Carlos, não é?'

Por ali ficámos dessa vez, mas passado algum tempo lá me deu o jeitinho e cá a pôs. Já não me lembro quanto paguei, mas que me facilitou a vida, facilitou. Mas não foi só a mim. Toda a gente que por aqui passava dizia "o Carlos tem sorte, tem cá luz, mas vá, não é só para ele, também nos dá jeito aqui a nós, diziam na brincadeira." Daí para a frente começou-se a pôr em todo o lado e foi uma beleza para o povo."

- E a televisão, ainda se lembra quando chegou? "*Lembro, pois. A primeira televisão foi comprada pelo Sr. Dr. Sá e Melo, quando veio de África em 1959/60. Depois aí em 64/65 o Sr. Padre Silvério juntou dinheiro entre a população e compraram uma que se pôs no Salão Paroquial, onde à noite, no fim do terço, toda a gente ia ver. E rádio também ouvíamos muito. O primeiro foi o Sr. Professor Paixão quem o comprou.*"

O relato da sua história continuou. "*Quando a vida melhorou, comprei uma mota ao mais velho e uma bicicleta ao mais novo. E comprei uma camioneta para mim. Com ela ia levar o queijo, os borregos, os cabritos, as ovelhas e os porcos à feira e a vida lá foi andando, graças a Deus.*"

- E vendia em muitas feiras? – pergunto. "*Era na Feira Nova, em Fornos e às vezes em Trancoso. Naquela altura fazia-se dinheiro em tudo. Era muito trabalho, mas vendia-se de tudo o que havia.*"

- E os seus filhos, ajudavam-no no seu trabalho? "*Todos. Sempre foram muito trabalhadores. Trabalhavam em tudo. Só depois de terem tudo arrumado em casa é que iam para os bailes dançar, ao mais, não saíam aqui de casa. Hoje em dia estão todos bem, graças a Deus. São todos empresários.*"

- E o divertimento? "*Divertíamo-nos muito. Também comprei uma concertina e andava a tocar e a cantar em volta do povo. Vinham a Páscoa, o Natal, as festas e era um divertimento. Era uma distração. Púnhamos um pipo de vinho no Terreiro e toda a gente bebia de lá. Era uma beleza. Fazíamos também uma fogueira na Praça e outra no Terreiro, e era festa de arromba.*"

- E na taberna? "*Na altura havia cá três tabernas, uma do Sr. António Silva, na Praça, outra do Sr. César Dias, no Terreiro, e outra do Sr. José Maria, na Belubrica. Ó depois não fechavam, estavam toda a noite abertas. A gente ia para a taberna, beber, cantar, jogar as cartas, era assim a vida. E também fazíamos os casamentos em volta do povo. Juntavam-se quatro rapazes, cada um com seu funil dos grandes e faziam-se os casamentos.*"

- Que casamentos eram esses? – pergunto com curiosidade. "*Fazíamos de conta que havia um rapaz que se queria casar. Então um punha-se na carvalha, no Calvário, outro no freixo, na Praça, um no Terreiro e outro no Pascigo, por exemplo. Então pegávamos nos funis e dizíamos os nomes do rapaz e da rapariga, o que tínhamos para lhes dar na boda, coisas assim. Ia-se chamando pelas raparigas que estavam às janelas. Mas às vezes havia alguns que não gostavam muito e andavam atrás de nós para nos darem umas cacetadas. Chegava a haver porrada a noite toda. Às vezes lá aparecia uma rapariga de que algum não gostava e ficava chateado. Mas aquilo tinha que ser a eito, não se podia estar a escolher. Dizíamos também umas anedotas: 'No Pascigo, coça-se o umbigo.' 'Na Sernada, joga-se a marrada.' Fazíamos isto nas quintas-feiras de compadres, antes do entrudo.*"

- Mas havia outras histórias, certamente. "*Também tínhamos os compadres e as comadres. Punham-se os nomes das raparigas num chapéu e os dos rapazes noutro e duas mulheres mais velhas tiravam os nomes. Quem calhasse, calhou. Eram os compadres e as comadres e depois lá falavam uns com os outros. Depois punham-se os nomes nas tabernas. Alguns ficavam contentes, outros não. Era uma forma de nos divertirmos antes da quaresma.*"

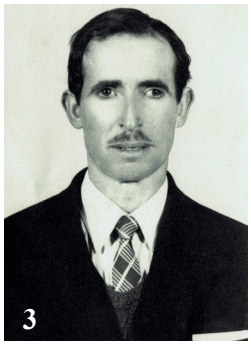
- E as festas de agora, já não são nada como as de antigamente, não é? "*São muito diferentes. Já não é nada como antigamente. Antes, no São Sebastião, por exemplo, quem levava o andor dele eram os soldados. Havia outro tipo de convívio.*"

- E hoje em dia, como é que passa o tempo? "*Cá vou andando. Tenho umas cabras, faço queijo e crio cabritos para comer e para vender. E também bebo o meu copinho. Como o que quero e me apetece, vou jogar as cartas… por aqui ando. Quando era mais novo nunca estive um dia de cama, graças a Deus, nem nunca estive doente. Fui uma vez ao médico. Agora de velho, já estive uma ou dias vezes doente, mas também não me posso queixar. Não devo nada a ninguém e por isso durmo descansado.*"

- E com a sua mulher, deu-se sempre bem? "*Foi sempre toda a vida uma beleza. Nunca tivemos a mais pequena coisa um com o outro. Sempre trabalhou muito e fazia de tudo na agricultura. Trabalhou de costureira, com uma máquina que comprei na altura, e sabe Deus como eu me vi para a pagar. Custou-me naquela altura trinta e três contos. Ela ainda hoje, com oitenta e seis anos, faz rendas para os netos e bisnetos.*"

Terminou a conversa com uma prece de zelo, que tornamos numa simples quadra.

"*Tenho oitenta e nove anos,*
e um barbeiro por minha conta.
Corta-me barba e cabelo



1. *Carlos Tenreiro na juventude.*
2. *Carlos Tenreiro quando cumpria o serviço militar.*
3. *Carlos Tenreiro.*
4. *A mulher, Ana da Ascensão.*

e só lhe pago de ano a ano.
Junho a junho lá pergunta,
pelo que lhe é devido e merecido,
e eu lá nisso não me engano."

Carlos Tenreiro é um homem alegre, um homem de bem com a vida, com os outros e consigo mesmo. Certamente que, com a sua mulher e a sua família, aproveitará bem todos os dias que ainda tem para viver.

Carlos Tenreiro toca a sua concertina no Centro de Dia para muitas Carapitenses que, infelizmente, já nos deixaram. Esta é uma imagem que por si só diz muito da sua personalidade. Da esquerda para a direita: *Casimiro Caetano, Idalina dos Prazeres, Maria do Carmo Pinto, Glória Batista, Amélia Caseiro, Lavínia de Jesus, Maria Augusta Espírito Santo, Carlos Tenreiro, Arminda Pires Sobral, Amélia Matos e Prazeres Lourenço.* ***Álvaro Caseiro de Almeida e Tó-Zé Paixão***

FESTA DE SÃO PEDRO DE VERONA

A festa de São Pedro de Verona há muito que ganhou o estatuto de principal festa do ano em Carapito. Com um programa diversificado e a sua realização entre os meses de abril e maio, a festa junta todos os ingredientes para correr bem, ficando apenas dependente a variável que não é possível controlar, as condições climatéricas.

Mas comecemos por traduzir aquilo que aconteceu na festa. A abertura oficial foi na sexta-feira, 28 de abril, com o bar, seguindo-se depois a atuação do grupo musical "*Replay*", que tudo fez para animar a noite fria. No sábado, logo pela manhã e depois de uma descarga com morteiros, tiveram início a tradicional feira anual e concurso de gajo, onde os feirantes marcaram presença em grande número. Desde a roupa ao calçado, da comida à bebida e todo o tipo de objetos possíveis de encontrar em qualquer feira que aconteça pelo país fora. A manhã foi animada, não só pelo convívio, mas também pelo sol que apareceu e trouxe outra alegria, sendo substituído pela chuva somente no final da manhã. A concurso na feira de gado estiveram vários animais, em diversas categorias, ainda que em menor número que em anos anteriores. Este ano, a feira teve ainda uma novidade, que foi a concentração de duas dezenas de tratores antigos, todos eles propriedade de Carapitenses.

Na parte da tarde o caminho fazia-se para o Campo dos Mosqueiros, onde decorreu a garraiada. Tendo este ano outras condições, não só para o recinto da garraiada, mas também para o público assistir, a diversão via-se espelhada na cara de todos quantos marcaram presença e que por ali

A Feira e Concurso de Gado.

estiveram uma grande parte da tarde. No final, e de regresso à Praça, atuou um grupo de concertinas, aqui com muito menos público.

À noite foi a vez do grupo musical "*Soma e Segue*" animar a festa, enchendo completamente o recinto, não só com público a assistir, mas também com muitos pares a dançar. Com o final do dia a aproximar-se e o jantar a ficar para trás, o caldo verde e as bifanas apresentaram-se e rapidamente passaram a ter grande saída. À meia-noite o céu de Carapito iluminou-se com o fogo de artifício que espalhou cores e sons que se misturaram com a música.

No terceiro dia, após nova alvorada com morteiros, a chuva voltou a aparecer e impossibilitou a arruada do Grupo de Bombos. À hora marcada para a missa solene em honra do Santo, já o sol tinha voltado a aparecer e foi também possível realizar-se a procissão, com os andores de São Pedro de Verona, de Nossa Senhora e do Menino Jesus a serem transportados em pequenos tratores, juntamente com várias crianças. O ornamento dos andores e dos próprios tratores foi também ele muito elogiado.

Após a procissão, o grupo Raízes da Terra fez a sua estreia em Carapito, que só não foi melhor devido ao vento frio que se fazia sentir na altura. Ainda assim, o público marcou presença em grande número. No intervalo realizou-se ainda um leilão, que apesar de não ter muitos lançadores, rendeu algum dinheiro para a festa.

A música neste dia esteve a cargo do grupo musical "*K5*", que encerrou a noite e a festa por este ano. O grande sorteio das rifas realizou-se à meia-noite.

Em geral, podemos dizer que a festa correu bem, com uma boa participação e, não fosse a chuva, teria sido ainda melhor.

MORDOMOS 2017

Fernando Nunes
Manuel Barranha
José Manuel Figueiredo Tenreiro
Afonso Gonçalves
Marcelo Pinto
Guilherme Figueiredo
Nuno Santos
Eva Pires
Diana Pinto

MORDOMOS 2018

Francisco Cardoso Figueiredo
António Carlos Tenreiro Ferreira
Armando Augusto Tenreiro
Vitorino da Cruz Caseiro
José Sousa Martinho
André Rodrigues Baltazar
Toni Sousa Almeida
José Manuel Pereira Almeida
Vera Lúcia Caseiro Bento
Augusta Filomena Rodrigues Baltazar

1. *Garraida.* **2**. *Baile com o grupo 'Soma e Segue'.* **3**. *Crianças cantam durante a Eucaristia.* **4**. *Andor de São Pedro.*

ENTREVISTA COM JOSÉ FRANCISCO ALMEIDA

Retrato de uma missão no Kosovo

José Francisco Caseiro de Almeida, 26 anos, é Cabo Adjunto no Exército Português. Entre outubro de 2016 e maio de 2017 esteve em missão no Kosovo. Para ficarmos a conhecer um pouco mais acerca desta realidade, fomos entrevistá-lo.

Comecemos pelo teu percurso até ingressares na vida militar.

Comecei por frequentar a Escola Básica de Carapito e depois a EB 2/3 de Aguiar da Beira, onde completei o 9.º ano de escolaridade, terminando aí a minha curta carreira escolar. Depois fui trabalhando aqui e ali e foi então que, por intermédio de um amigo que já estava nas fileiras das forças armadas, me despertou o interesse pela vida militar.

Quando é que ingressaste na carreira militar e por onde é que passaste?

Ingressei na carreira militar em 9 de janeiro de 2011, tendo-me apresentado na Escola Prática de Serviços, na Póvoa do Varzim, para frequentar o 1.º Curso de Praças do Exército, durante 12 semanas. Feita a instrução básica, fui colocado no Regimento de Infantaria n.º 14, onde estive um ano e meio. Depois, fui proposto para o curso de promoção a cabo, em 2012, na Escola Prática de Infantaria, em Mafra, e que teve a duração de 8 semanas. No final fui colocado no campo militar de Santa Margarida, durante quinze messes. Voltei depois para o Regimento de Infantaria n.º 14, onde passei mais dois anos, até ser proposto para integrar uma força nacional destacada no teatro de operações do Kosovo, tendo-me deslocado para o Regimento de Infantaria n.º 13, no qual fiquei até então.

Fizeste parte da missão da NATO no Kosovo, tendo ido integrar o Batalhão de Reserva Tática da KFOR (Kosovo Force), nos últimos 6 meses. Quais foram os objetivos desta missão?

Os principais objetivos da missão foram a manutenção da paz no país e a demonstração de força (KFOR). Estivemos integrados na reserva tática da KFOR, juntamente com uma companhia húngara, com quem partilhámos o campo militar (Slim Lines), em Pristina. Estávamos preparados para atuar em qualquer parte do país, nas mais diversas ações.

Foi necessária alguma preparação específica, física ou de conhecimentos, para participar na missão?

Sim, foi preciso ter uma boa preparação física, pois antes de iniciar esta missão houve um aprontamento de seis meses, em que foram testadas as capacidades físicas e psicológicas, individual e coletivamente. Fizemos ainda todo o tipo de testes médicos, psicotécnicos e escritos. Foi avaliada uma série de parâmetros a nível militar, desde a operação de rádios, à utilização de aparelhos de visão noturna, socorrismo, armamento e principalmente treino de controlo de tumultos.

Que país é que foram encontrar?

Fomos encontrar um país que tem alguns conflitos, que se encontra dividido por duas etnias, Sérvios e Albaneses, e que tenta ser completamente independente. No entanto, devido ao facto de os dois países, Sérvia e Albânia, não se entenderem politicamente quanto à pertença do país, isto cria muita tensão e confusão entre os habitantes. Em resumo, é um país dividido e que tenta aproximar-se das normais europeias, como na circulação rodoviária, na legislação, etc., mas com grande dificuldade.

E como era o dia a dia no Kosovo?

O dia a dia no Kosovo era um pouco diferente daquilo que estávamos habituados em Portugal, pois os níveis de segurança que eram necessários eram maiores e o treino era mais real. Os dias dividiam-se entre a garantia de segurança do aquartelamento e o treino, em semanas alternadas, em que muitas vezes o treino era feito entre forças de vários países, quer terrestre quer aéreo.

O Kosovo declarou-se unilateralmente independente da Sérvia em fevereiro de 2008, com Portugal a reconhecer o novo país em outubro do mesmo ano. No entanto, Portugal participa na força de manutenção de paz da NATO para o Kosovo desde julho de 1999, tendo o governo português decidido, no ano passado, pôr fim a 18 anos de presença no território, já no próximo mês de junho. Que país é que fica para trás?

Fica um país em crescimento muito lento, pois o entendimento entre as partes não é o que parece, tendo sido feitas várias ameaças e muitas manifestações. Essencialmente, há apenas duas classes de pessoas, ricos e pobres, em que os ricos são muito ricos e os pobres são muito pobres. É uma diferença que se nota de forma muito visível.

Como era a relação com os residentes locais?

No geral era boa. Apesar de a parte sérvia do Kosovo não ver os militares com bons olhos, pois sempre que patrulhávamos o norte do país éramos olhados de lado, buzinados, etc., na parte albanesa éramos bem vistos e sempre bem recebidos.

Apesar de todas as notícias sobre os refugiados darem

grande destaque aos sírios, também o Kosovo tem um grande número de refugiados, com o país a perder população de dia para dia. A questão dos refugiados no Kosovo também foi um problema?

Nesse âmbito não consegui perceber se seria um problema, pois não estive em contacto com tal situação.

No Kosovo as pessoas queixam-se de não haver nada para fazer e mais de 30% vivem abaixo do limiar da pobreza. Também foi esta a ideia com que ficaste do país?

Sim, primeiro porque o ordenado mínimo é muito baixo, depois porque mesmo as pessoas com cursos universitários não têm qualquer hipótese de usufruir do curso, sujeitando-se por isso ao que aparece. Sobre as pessoas, fiquei com muito boa impressão delas, pois foram sempre muito bem educadas e muito simpáticas.

Passando agora para Portugal em particular, o Ministério da Defesa Nacional está a preparar alterações aos contratos dos militares, triplicando o seu tempo máximo de duração dos atuais seis para cerca de dezoito anos. Consideras que seja uma boa medida?

Sim, pois devemos ser dos poucos países em que a classe de praças tem tão pouco tempo de duração nas fileiras. Na minha opinião, aos seis anos, que é a altura em que os militares em regime de contrato saem atualmente, é quando o militar está melhor a todos os níveis. Assim, parece-me uma boa implementação a fazer, mas veremos o que vai acontecer.

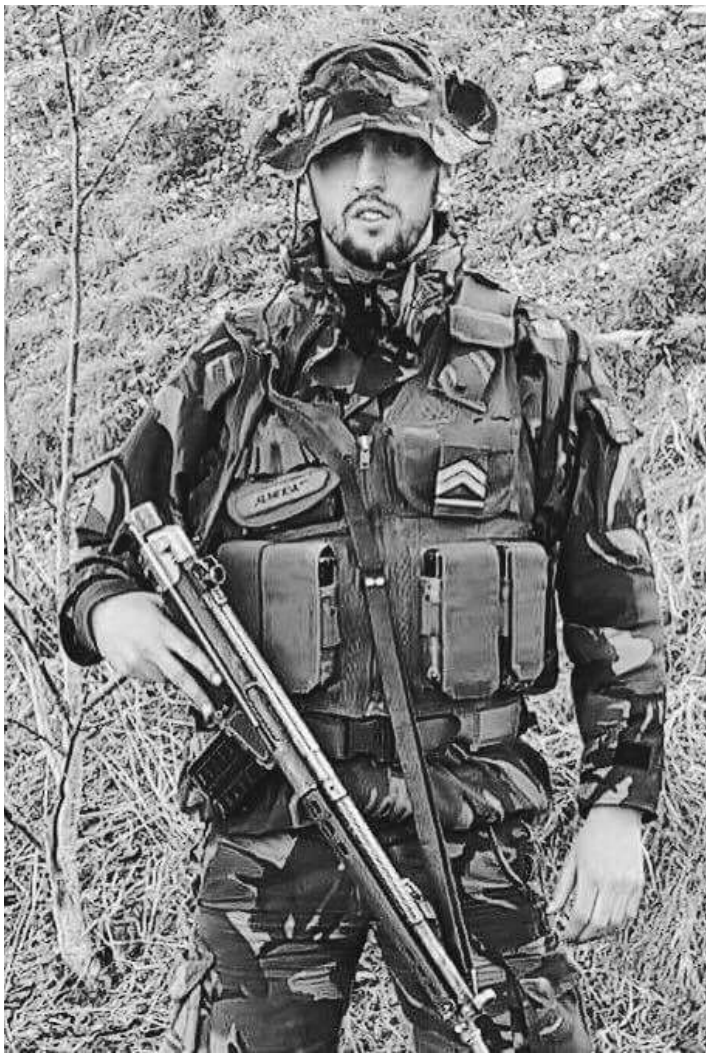
Várias associações de defesa dos militares têm mostrado preocupação quanto ao regresso destes à vida civil, depois de quase 20 anos dedicados ao serviço militar, caso isto venha a acontecer. Se por um lado o aumento da duração dos contratos permite manter militares qualificados no exército, levanta-se também o problema do que estes irão poder fazer depois, muito mais velhos. O que é que achas desta situação?

Sim, é uma preocupação, pois não é a mesma coisa que sair com 25 ou 26 anos. Mas mesmo agora muitos dos que saem já têm grandes dificuldades em encontrar trabalho, principalmente devido ao estado país, por isso é algo que terá que ser estudado.

Caso o diploma venha a ser aprovado, pretendes manter-te no exército?

Gostava, pois isto no inicio é um pouco complicado, mas com o passar do tempo torna-se interessante. Mas visto que estou a poucos meses de deixar o exército, certamente que a lei já não me irá abranger, o que tenho pena.

Obrigado pelo tempo disponibilizado e boa sorte para a próxima etapa. ***Álvaro Caseiro de Almeida***



CARLOS PAIXÃO GANHOU PRÉMIO LITERÁRIO

Carlos Paixão, professor no Agrupamento de Escolas de Sátão e também escritor, contando já com catorze obras publicadas, ganhou o primeiro prémio da 18.ª edição do Concurso Literário "Prémio Dr. João Isabel", da Câmara Municipal de Manteigas, com o conto "O Colecionador", no estilo prosa.

Segundo disse em entrevista ao diário digital 'Dão e Demo', "*a ideia de escrever este conto surgiu pelo facto de eu, durante este ano letivo, ter no meu projeto de trabalho a organização e montagem de diferentes exposições de colecionismo. O contacto próximo com o colecionador, senhor Jorge Amaral, e com as suas diferentes coleções, levaram-me a criar um enredo ficcionado que situei em ambientes que me são próximos. O tema centra-se nas relações familiares e nos amores e desamores que qualquer vulgar personagem pode viver ou ter vivido, sendo ou não colecionador.*"

Carlos Paixão disse também ter já material para mais do que um livro, não sabendo ainda quando o próximo irá ser publicado. No entanto, a atribuição deste prémio poderá ajudar à decisão e ser mais um motivo para que brevemente haja novidades literárias.

Ainda no âmbito literário, no dia 29 de março, Carlos Paixão participou na Semana da Leitura, em Sátão, tendo escrito uma peça de teatro que foi levada a palco no Cineteatro Municipal pela companhia "Ouro das Bibliotecas… e convidados". A peça "Histórias Baralhadas II: Livros, Metas, Cantores Comilões e Atletas" foi representada, em duas sessões, para cerca de 400 alunos do Agrupamento de Escolas de Sátão, a maioria do 1.º Ciclo do Ensino Básico.

Nos dias 27 de março e 15 de maio fez sessões para a promoção da leitura e da escrita nas diferentes escolas do Agrupamento de Escolas de Penalva do Castelo.

No dia 30 de março, Carlos Paixão participou também na Semana da Leitura, no Agrupamento de Escolas de Vila Nova de Paiva, onde apresentou os seus livros aos alunos do 5.º e 6.º anos, falando também do seu percurso como escritor.

No dia 31 de março, participou no evento "*Uma Noite na Biblioteca*", que decorreu na Biblioteca Municipal Aquilino Ribeiro, em Vila Nova de Paiva. Aqui apresentou a sua obra mais recente, "O Vento Bateu à Porta", numa sessão aberta a toda a comunidade.

No âmbito do ciclo de exposições de colecionismo "*Eu coleciono… tu colecionas*", que têm decorrido na Casa da Cultura de Sátão, coordenou a montagem e a inauguração do terceiro tema das exposições, agora com a mostra "*Copos… d'água*". Da exposição faz parte o espólio do colecionador Jorge Amaral, que conta com cerca de 1000 copos de água. A exposição está aberta ao público até ao dia 24 de junho, de terça a sexta-feira.

As anteriores exposições coordenadas por Carlos Paixão tiveram as chávenas de café e pacotes de açúcar e as miniaturas de meios de transporte como temas.

Ao longo de todo o ano tem orientado visitas guiadas ao património do concelho de Sátão.

No dia 13 de maio guiou os professores, técnicos, alunos e encarregados de educação da Unidade de Multideficiência, numa visita pelo património dos concelhos de Sátão, Aguiar da Beira e Vila Nova de Paiva, no âmbito da comemoração do Dia da Família.

1. *Apresentação na escola de Vila Nova de Paiva.* **2**. *Apresentação na Biblioteca Municipal.* **3**. *Exposição "Copos d'água".*

CLUBE REALIZOU III.º BTT

Num fim de semana cheio de emoções fortes, entre futebol, Eurovisão e Fátima, o CCRC trouxe aos caminhos e percursos rurais de Carapito, Queiriz e Casal do Monte, o passeio para bicicletas todo-o-terreno.

O tempo foi o ideal para a prática da modalidade. Mas a adesão não foi a melhor, ao nível do ano anterior e sem os corajosos de Carapito para participar.

O traçado deste ano, como um pouco mais de trinta quilómetros, era para duros, sendo que havia sempre a possibilidade de atalhar caminho para os conhecedores. Mas no final, todos reconheceram a beleza do percurso, a qualidade dos trilhos e a diversidade de pisos, tipos de caminho e dificuldades. Até um trilho, literalmente pelo meio do monte, houve entre dois caminhos daqueles que conduzem ao Parque Eólico da Serra do Pisco.

Pena foi que nos percursos do Casal do Monte, as placas e sinalizações tenham sido alteradas por gente pouco confiável, ao nível talvez dos que danificaram as gravuras de Foz Côa.

No fim, nada melhor do que um belo almoço para recuperar as forças, conviver e pensar em melhorar para o próximo ano.

José Gabriel Pires

Foto © Tony Augusto

BTT juntou Carapitenses e visitantes.

NO MEU TEMPO

Continuação da última página.

sula e a levantavam levemente. A missa em latim era um papaguear de fórmulas que mal se entendiam; "*Dominus vobiscum*" proferia o celebrante, respondendo o povo: "*Et cum spirito tuum*". Ficava apenas o sermão para melhor catequizar o povo, até o sacerdote mandar embora a freguesia de fiéis com o ansiado: "*Dita missa est*".

À saída a Praça era um aglomerado de gente, parecendo que se iria realizar um grande comício. As primeiras a dispersar eram as donas de casa, pois tinham de pôr a mesa e acabar o jantar, pois o almoço era uma modernice sem jeito, que alterava as horas e os costumes. Os homens rodeavam o pelourinho para a arrematação das batatas e algumas cebolas, colocadas em dois ou três grandes cestos, sobre os degraus; por vezes havia uma cesta basta só com as cebolas. Os comerciantes e quem precisasse dos produtos podia fazer lances, até que não havendo quem cobrisse o último lance, o arrematante pagava e recolhia as batatas. Esta esmola para as almas era recolhida no sábado anterior. A pessoa que estava responsável parava ao fundo das escadas de cada habitação e gritava: "Esmola p'rás almas" e a dona da casa ou os filhos lá depositavam na cesta três, quatro batatas ou cebolas. Este costume foi substituído pela esmola que agora se dá no momento do ofertório.

Entretanto a multidão ia dispersando para o jantar.

À tarde, por volta das três horas, tocava o sino para a oração do terço. Embora alguns homens comparecessem e muitas vezes substituíssem o pároco na orientação da reza, as mulheres e as crianças formavam um grande grupo. Após a oração, as crianças ficavam para a catequese orientada pelas catequistas e pelo senhor Abade, visando a Primeira Comunhão e no final da quarta classe, a Profissão de Fé.

Nos dias soalheiros juntava-se a juventude no Terreiro e na Praça, nas Lajinhas ou na Belubrica. Os rapazes de um lado, as raparigas de outro, iam jogando e lançando os seus olhares. Os garotos e garotas jogavam ao lencinho, ao mande-mande, à pela, ao coque ou à espada lua, a um sem-número de diversões que caíram em desuso. Enquanto a rapaziada organizava um baile ao toque da concertina, do acordeão ou mesmo do realejo, os homens sentavam-se na taberna a jogar ao chincalhão ou à sueca.

Eram frequentes os barulhos, as rixas e discussões que degeneravam em pancada. O jogo aliado ao vinho e quantas vezes aliados a dívidas, terrenos ou divisão de águas, faziam soltar a língua e geravam ambientes violentos de palavras e mesmo palmadas, bofetões, socos e duras agressões. Geralmente tudo se resolvia nesses momentos, sendo raro o recurso a advogados e tribunais.

Ao anoitecer tocavam os sinos às trindades. Os mais novos tinham de a essa hora estar a entrar em casa. Se alguém se demorava um pouco mais, pela calada da noite e sem luz elétrica nas ruas, a rapaziada mais adulta, punha um casaco pela cabeça e com uma verdasca na mão açoitava o traseiro dos que se descuidavam e aventuravam nas ruas mais escuras.

A ceia era servida, mas nas casas pobres quantas vezes não aconteceria aquela velha e descabida história: O pai chegava a casa já com um grão na asa e virado para o filho encolhido à lareira: "Então Manel já comeste?" – e o miúdo a meia-voz- "Não senhora!" e o pai grita-lhe então: "O quê?" e o rapaz a medo, quase em surdina: "Já sim senhor!" voltando-lhe o pai: "Então cama, que estás como uma bola!"

Tó-Zé Paixão

NO MEU TEMPO

Domingo, Dia de Descanso e de Trabalho

Mesmo aos domingos havia trabalhos que não se adiavam. Enquanto as mulheres, mãe e filhas, preparavam as roupas e cozinhavam o almoço, o pai e os filhos saíam para o campo, para regar ou mondar, em especial, as hortas com cebolo e pimentos, as ervilhas, as favas e os feijões.

Nessa altura o sino dava três toques, com intervalos de cerca de meia hora, anunciando a missa dominical que se celebrava por volta do meio-dia. O último toque igual terminava com a entrada, um repenique muito festivo que alegrava os ares e dizia aos fiéis que daí a quinze minutos iria começar a missa.

Logo que se escutava o primeiro toque, o segador desembaraçava a seitoira no corte da erva para o gado. O pastor, ainda que apascentasse o seu rebanho na serra, ia assobiando aos cães e às ovelhas para voltarem à corte. Nos talhões, a sachola encaminhava a água mais depressa para que o cebolo não ficasse por regar.

Se por detrás da igreja alongássemos o olhar pelo vale verdejante, já víamos os vultos a regressar pelas rodeiras e caminhos, desde o Açude ao Pascigo, do Passal à Confraria.

Rapidamente as pessoas se lavavam e vestiam a sua melhor roupa para se dirigirem até ao adro. Nesse tempo a igreja enchia-se, até porque não havia lugar para cumprir o preceito de domingo com missa vespertina ao sábado. Antigamente eram os senhores mais abastados que ocupavam a capela-mor, com o tempo e sobretudo com os últimos sacerdotes, esse espaço enchia-se de crianças entrando os mais velhos pela sacristia dentro. Os homens ficavam à frente e todas as mulheres atrás da porta dos homens. Alguns homens e até rapazes mais velhos apreciavam ficar cá fora. Davam a entender que iam para o templo, mas ouviam a missa atrás da igreja. Ninguém ousava ficar na Praça, pois se algum familiar mais idoso viesse atrasado e os visse, repreendia-os e ouviam um bom remoque sem direito a desculpas.

A celebração tinha normalmente dois acólitos que, na elevação da hóstia e do cálice, seguravam as pontas da ca-

(Continua na página 15.)

PUB

Terreiro de Santa Cruz
Casa de Turismo Rural
Café e Restaurante
http://terreirodesantacruz.weebly.com
Telef./Fax: 232 577 036
Telemóvel: 963 913 645 | 968 114 474
Email: turural@gmail.com
3570-100 Carapito
Aguiar da Beira

SILVA TENREIRO & FILHOS, LDA
Lugar da Serrinha, Barracão - Valverde
3570-211 Aguiar da Beira
Tlm: 962 808 995 - Tel: 232 680 195
av.s.silva@hotmail.com

Restaurante «O TENREIRO» "Abaladiça"
Serviço de Almoços e jantares
Festas, Aniversários, Buffet, Grupos
Carapito, Aguiar da Beira
232 577 164 / tenreiro@iol.pt /
de: Carla & Paulo Tenreiro

Manuel Barranha
SERRALHARIA
Telf. 232 577 687 – Telem. 963 178 015
3570-100 Carapito

Café Restaurante Pizzaria
NASCER DO SOL
Serviço de Batizados, Aniversários e Banquetes até 100 Pessoas
de: José & Lúcia Tenreiro
Tel. 232 577 532 • TM 966 521 382 • CARAPITO

RuiCar
Comércio de Automóveis Novos e Usados
Rui Carlos Tenreiro
TM: 962 561 363
3570-211 Barracão - Valverde

ORGANIZAÇÃO
Joaquim Garcia
EXCURSÕES
E
ALMOÇOS REGIONAIS
Rua António Duarte Caneças, 5, R/c. Dto.
2700-069 AMADORA
Tel. 21 493 41 11
Tm. 96 429 06 00

AUTO FILIPE E FILHOS, LDA.
Mecânica de Automóveis e Tractores Agrícolas
Com Sede em Barracão
3570-211 - AGUIAR DA BEIRA
Telf. 232 680 048 – Telem. 966 544 688

José Gabriel Marques Pires
Engenheiro Civil
(Ordem dos Engenheiros n.º 53015)
Tlm: 927 740 167
Projectos de Engenharia e Arquitectura
Engenharia e Construção
Pareceres Técnicos e Orçamentos
3570-100 Carapito
Aguiar da Beira